

UMA CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO ENTREVISTA EM SITUAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA: GRUPO PROFALA

Maria Elias SOARES⁵¹

Klébia Enislaine do Nascimento e SILVA⁵²

Ana Keyla Carmo LOPES⁵³

Resumo: Este trabalho objetiva caracterizar o gênero entrevista, realizado com estudantes universitários oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs) e do Timor-Leste, que compõe o *corpus* do projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA). Seguimos a concepção de Bakhtin ([1953] 2000) referente ao entendimento de gênero discursivo. Ilustrando com amostras das entrevistas de estudantes universitários de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, nossa análise evidenciou como o gênero entrevista em situação de pesquisa acadêmica se constitui como um evento sociocomunicativo, de sequência composicional dialogal, semelhante a uma conversação espontânea.

Palavras-chave: gênero textual; entrevista; PROFALA.

Abstract: *This study aims to characterize the interview genre, conducted with university students from the African Countries of Portuguese Official Language (PALOPs) and East Timor, it consists the project corpus of Linguistic Variation, and Speech and Discourse Processing: analysis and applications (PROFALA). We selected samples of interviews of university students from the Angola, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, Sao Tome and Principe and East Timor. We follow the concept of Bakhtin ([1953] 2000) for the understanding of discursive genre. Our analysis showed how the interview genre in academic research situation constitutes a socio-communicative event, of dialogical compositional sequence, similar to a spontaneous conversation.*

Keywords: *textual genre; interview; PROFALA.*

⁵¹ Professora Titular do Departamento de Letras Vernáculas, do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, Ceará, Brasil. melias48@yahoo.com.br.

⁵² Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, Ceará, Brasil. Bolsista CAPES/PNPD. kleenislaine@yahoo.com.br.

⁵³ Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, Ceará, Brasil. Bolsista CAPES/PNPD. kkeylac2000@yahoo.com.br.

Introdução

No presente trabalho, temos como objetivo a caracterização do gênero entrevista, especificamente, as entrevistas realizadas com estudantes universitários provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs) e do Timor-Leste. Essas entrevistas compõem a amostra do projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA), desenvolvido na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Bakhtin ([1953]⁵⁴2000) considera fundamentais três aspectos para a caracterização dos gêneros, a saber: conteúdo temático, construção composicional e estilo. Em relação às entrevistas em estudo, verificamos que abrangem os três aspectos mencionados, os quais estão vinculados, neste trabalho, à organização retórica postulada por Bardin (2011), que se divide em: a) análise temática; b) características associadas ao tema central; c) análise sequencial; d) análise das oposições; e) análise da enunciação; f) o esqueleto da entrevista.

O fato de o estudo do gênero entrevista estar situado em um contexto que aborda a pesquisa acadêmica possibilita verificar como se caracteriza a entrevista no domínio discursivo acadêmico, uma vez que os estudos sobre o gênero entrevista vinculam-se, geralmente, à divulgação desse gênero no domínio discursivo jornalístico.

Gêneros textuais

Segundo Bakhtin (2000), os gêneros do discurso são eventos sócio-historicamente construídos, com estrutura de enunciados “relativamente estáveis”, utilizados de acordo com o repertório e as demandas comunicativas do sujeito em sociedade. Portanto, só é possível a comunicação entre os homens por meio dos gêneros do discurso.

Conforme Marcuschi (1999), com base em Bakhtin, os gêneros textuais designam eventos sociais relacionados à vida cultural e social dos indivíduos. Os gêneros são sociocomunicativos e funcionais, por isso eles se ligam à capacidade cognitiva dos falantes. Destarte, os gêneros sofrem alterações de acordo com as necessidades sociais ou as inovações tecnológicas. Como podemos constatar:

⁵⁴ A primeira edição de publicação do livro em inglês, *Estética da Criação Verbal*, de Bakhtin, é de 1953. Neste trabalho, adotamos a versão em português datada em 2000.

Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita (MARCUSCHI, 2003, p. 19).

O advento da tecnologia proporciona o surgimento de novos gêneros em meio social, por exemplo, de um gênero impresso, como a carta pessoal para um gênero digital, como o e-mail pessoal. Assim, a Internet é responsável por essa gama de gêneros digitais existentes em meio social (MARCUSCHI, 2003).

Os gêneros têm um caráter de dinamicidade, que lhes permitem passar pelo processo de transmutação, segundo Marcuschi (1999), com base em Bakhtin (2000), para quem os gêneros se adaptam e se modificam conforme as mudanças socioculturais.

Conforme Marcuschi (1999), os gêneros apresentam discursos vinculados à oralidade e à escrita, considerados primários (simples) e secundários (complexos), respectivamente. Essa classificação, anteriormente postulada por Bakhtin, não designa uma hierarquização entre gêneros.

No que diz respeito aos gêneros primários, Marcuschi (1999) aponta que nem sempre eles são orais. Ainda com base em Bakhtin, o autor apresenta três aspectos fundamentais para a caracterização dos gêneros de forma geral, a saber: a) conteúdo temático, que designa o assunto de um gênero; b) construção composicional, que se liga à ocorrência dos tipos textuais na formação de gêneros; c) estilo, que representa a particularização de textos relacionados a um determinado gênero.

Há uma discussão em relação à terminologia sequência, tipo, trama e processos retóricos. Marcuschi (1999) usa o termo *tipo textual* para se referir às formas de composição textual: narrativa, argumentativa, expositiva, descritiva e injuntiva. Adam (1992) estabelece uma denominação distinta, *sequência textual*; postulando cinco sequências, a saber: narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e dialogal. Kaufman e Rodríguez (1995) apontam o termo *trama*, que pode ser conversacional, narrativa, argumentativa e descritiva. Bhatia (1997) menciona os seguintes processos retóricos: narração, descrição, avaliação, explanação e instrução.

Marcuschi (2003) ressalta que o tipo textual não deve ser confundido com o próprio gênero, pois o tipo textual participa da construção composicional dos gêneros e, por conseguinte, em um mesmo gênero, pode ocorrer mais de um tipo textual, podendo um deles ser o predominante em relação aos demais.

Passemos, a seguir, à discussão sobre o gênero entrevista.

Gênero entrevista

A entrevista designa um gênero textual, no qual há um diálogo entre entrevistador e entrevistado, ambos representando atores sociais desse gênero. Dessa forma, “o diálogo travado entre entrevistador e entrevistado é explícito, e o texto resultante se caracteriza como co-construção dos referidos atores” (ROCHA; DAHER; SANT’ANNA, 2004, p. 11).

Segundo Bardin (2011), as entrevistas podem ser classificadas de acordo com o seu grau de diretividade, ou não diretividade, as quais devem ser registradas e transcritas de forma integral, levando em consideração os diversos aspectos existentes durante a entrevista, como silêncio, risos, entre outros. Como podemos constatar:

Há várias maneiras de fazer uma entrevista. Tradicionalmente, classificam-se as entrevistas segundo o seu grau de diretividade – ou melhor, de não diretividade – e, por conseguinte, segundo a “profundidade” do material verbal recolhido. Entrevistas não diretivas de uma ou duas horas, que necessitam de uma prática psicológica confirmada, ou entrevistas semidiretivas (também chamadas com plano, com guia, com esquema, focalizadas, semiestruturadas), mais curtas e mais fáceis: seja qual for o caso, devem ser registradas e integralmente transcritas (incluindo hesitações, risos, silêncios, bem como estímulos do entrevistador) (BARDIN, 2011, p. 93).

Bardin (2011) aponta que cada entrevista tem sua particularidade e sua lógica específica que depende do contexto em que se situa a entrevista e da temática abordada, pois o entrevistador tem que saber conduzir a entrevista de uma forma espontânea em que as informações possam ser desveladas nessa interação que envolve o entrevistador, o entrevistado e a(s) temática(s) abordada(s). Assim,

O técnico, habituado a trabalhar com material verbal produzido por entrevistas - quer seja investigador, analista de conteúdo, psicoterapeuta... -, depressa compreende que cada entrevista se constrói segundo uma lógica específica. Apoiando os temas, conservando-os (manifestando-os ou escondendo-os), há uma organização subjacente, uma espécie de calculismo, afetivo e cognitivo, muitas vezes inconsciente na medida em que a entrevista é mais um discurso espontâneo do que um discurso preparado.

Sob a aparente desordem temática, trata-se de procurar a estruturação específica, a dinâmica pessoal, que, por detrás da torrente de palavras, rege o processo mental do

entrevistado. Cada qual tem não só o seu registro de temas, mas também a sua própria maneira de (não) os mostrar. Claro que tal como se pode, ao longo de várias entrevistas, e sobretudo se forem muitas, ver manifestarem-se repetições temáticas, pode também ver-se tipos de estruturação discursiva (BARDIN, 2011, p. 96).

Bardin (2011) ressalta que a entrevista pode ser composta da seguinte organização retórica, a saber: a) análise temática, na qual se desvela(m) o(s) tema(s) abordado(s), bem como o(s) subtema(s); b) características associadas ao tema central, em que se extraem os significados relacionados ao tema central; c) análise sequencial, na qual se verifica a sequência adotada na entrevista; d) análise das oposições, na qual se desvelam temáticas opostas durante a entrevista; e) análise da enunciação, na qual há a ocorrência de variações, por exemplo, de estilo durante a entrevista; f) o esqueleto da entrevista, o qual é estrutural e semântico, o que possibilita esclarecer a entrevista no plano da organização cognitiva, bem como da organização temática de forma aprofundada.

Desse modo, a entrevista é composta por conteúdo(s) temático(s), construção(ões) composicional(is), estilo(s), apresentando, por conseguinte, os três aspectos fundamentais para a caracterização dos gêneros de forma geral, conforme postulado por Bakhtin (2000).

Em suma, a entrevista designa um gênero textual recorrente em meio social, o qual se evidencia por ter uma sequência de perguntas e respostas referente a uma temática ou a diversas temáticas, a(s) qual(is) é (são) selecionada(s) pelo entrevistador, *a priori*, mas que pode(m) ser (re)direcionada(s) de acordo com a interação entre entrevistador e entrevistado.

Metodologia

O *corpus* do projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA) terá, em sua composição geral, um total de 120 entrevistas, sendo 20 de cada país informado: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Até o presente, já foram coletadas 111 entrevistas. Cada entrevista tem duração aproximada de duas horas, gravadas em áudio contendo todas as falas do entrevistador/documentador e do entrevistado/informante. As entrevistas coletadas estão em processo de transcrição integral (incluindo hesitações, risos, pausas, truncamentos etc.), de acordo com as normas de transcrição de fala apresentadas em Marcuschi (1986). Tanto o áudio como as transcrições estão sendo disponibilizadas no site do grupo PROFALA. Em geral, as entrevistas em situação de pesquisa acadêmica passam por esses dois processos descritos, gravação de áudio ou vídeo e transcrição, para possibilitar estudos posteriores.

Além da variável país de procedência dos informantes, o PROFALA organizou a coleta de dados de acordo com mais duas variáveis: sexo do informante e tempo de permanência no Brasil. Com relação à variável sexo, temos de cada país informado, 10 informantes homens e 10 informantes mulheres. Com relação ao tempo de permanência no país, os informantes foram divididos da seguinte maneira, 5 homens com menos de seis meses no Brasil de cada país, 5 mulheres com menos de seis meses de residência no Brasil de cada país, 5 homens com mais de seis meses vivendo no Brasil de cada país e 5 mulheres com mais de seis meses no Brasil de cada país. Assim, totalizamos 20 informantes de cada um dos seis países que constituem as entrevistas.

O perfil dos informantes entrevistados refere-se a jovens, residentes no Ceará, mais precisamente, nas cidades de Fortaleza e de Redenção, estudantes de cursos de Graduação, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e na Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsistas participantes do Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros (PSEE) e do Programa Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G). Já os documentadores são, em geral, professores e pesquisadores (PNPD/CAPES) do projeto PROFALA e/ou bolsistas de Graduação do Curso de Letras da UFC, brasileiros, residentes em Fortaleza.

As entrevistas estão sendo realizadas, em geral, na UNILAB e na UFC, em uma sala fechada, buscando evitar barulhos ou ruídos externos que venham a prejudicar as gravações. Todos os informantes assinam um termo de consentimento, concordando com a realização e utilização das entrevistas para fins de pesquisa científica. Eles estão cientes de que suas identidades serão preservadas em qualquer tipo de publicação dessas entrevistas.

Para a realização das entrevistas com estudantes universitários oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs) e do Timor-Leste, o PROFALA aplicou os questionários do Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB), mas adaptando as *questões metalinguísticas*, que tratam de atitudes sobre a língua, já que o universo dos informantes que compõem o *corpus* do PROFALA é diferente do universo dos informantes do projeto ALiB. Assim, houve a necessidade de alguns ajustes no que se refere à realidade sócio-histórica dos estudantes entrevistados. As seis questões que constituem as perguntas metalinguísticas no questionário original do ALiB foram reformuladas, de modo a transformar-se em dez, mais adequadas ao lugar de origem dos informantes e ao contexto comunicativo da entrevista. Por exemplo, em vez de perguntar: *E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de...*

(*citar cidade onde está*)?, pergunta-se: *No seu país, as pessoas falam da mesma maneira em todas as regiões? De que forma?*.

A pesquisa do ALiB desenvolveu-se com base em três tipos de questionário: (i) *Questionário Fonético-Fonológico (QFF)*, que apresenta 159 questões visando à diversidade prosódica; (ii) *Questionário Semântico-Lexical (QSL)*, que inclui 202 questões referentes ao léxico dos informantes; (iii) *Questionário Morfossintático (QMS)*, que apresenta 49 questões sobre as relações morfossintáticas dos elementos na composição das orações e dos enunciados em língua portuguesa. Além dos três questionários citados e das *questões metalinguísticas* tratadas, há *questões pragmáticas*, quatro questões que se referem a como dirigir-se a outras pessoas em situações específicas de interação; há *temas para discursos semidirigidos*, que apresentam quatro temáticas que podem retratar a natureza pessoal dos informantes a serem abordadas em relatos, comentários e descrições e, por último, há um *texto para leitura* - uma parábola a ser lida pelos entrevistados.

Por utilizar esse instrumento, as entrevistas que constituem o *corpus* do PROFALA caracterizam-se por possibilitarem análises descritivas do português falado por informantes dos PALOPs e do Timor-Leste, sob as perspectivas sociolinguística, geolinguística e discursiva, tornando, dessa maneira, possível verificar particularidades, semelhanças e diversidades linguísticas das comunidades de fala desses indivíduos. Pode-se, por exemplo, analisar fatos fônicos relativos a falantes africanos, no QFF, como o caso da pronúncia do arquifonema /R/ em posição de coda silábica, como verificamos na questão 12 do referido questionário, apresentada em (01).

(01)

12. TORNEIRA ... *aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?*

Considerando o QSL, composto por 14 campos semânticos, a saber: 1. Acidentes geográficos, 2. Fenômenos atmosféricos, 3. Astros e tempo, 4. Atividades agro-pastoris, 5. Fauna, 6. Corpo humano, 7. Ciclos da vida, 8. Convívio e comportamento social, 9. Religião e crenças, 10. Jogos e diversões infantis, 11. Habitação, 12. Alimentação e cozinha, 13. Vestuário e acessórios, 14. Vida urbana, pode-se verificar qual a lexia mais comum, mais presente, utilizada com maior frequência por informantes de um determinado país para denominar um conceito, como podemos observar na questão 142 do QSL referente ao conceito do campo semântico do convívio e comportamento social.

(02)

142. PROSTITUTA ... a mulher que se vende para qualquer homem?

Além desses aspectos específicos, no que se refere ao tema deste trabalho, podemos observar nas entrevistas em situação de pesquisa acadêmica como esse gênero se constitui. Podemos, por exemplo, analisar como os interlocutores agem nessas situações comunicativas, como eles mantêm, tomam e passam o turno, como os tópicos discursivos são inseridos e retomados no discurso, tal como se destaca no trecho abaixo, de um informante de Timor Leste.

(03)

Doc.: então A. quais são as línguas que você fala”

Inf.: (+) é geralmente nós falamos dois línguas cê língua oficial mas além desse língua oficial nos temos 36 línguas maternas de cada região língua oficial e nossa língua primeira língua tetum é mais falada lá e segundo é língua da portuguesa (+) que era língua da colonização

Doc.2: e você fala quais”

Inf.: maioria do nosso língua’ tetum

Doc.: cê fala então português e o tetum”

Inf.: é mês/ e língua mais falado língua tetum

Doc.2: certo

Optamos por descrever como são realizadas as entrevistas do PROFALA para possibilitarmos uma observação de como elas se constituem em uma situação comunicativa típica desse gênero discursivo. Como pudemos notar, na própria descrição do *corpus*, a situação comunicativa prototípica do gênero entrevista, em situação de pesquisa acadêmica, envolve sempre dois ou mais participantes, sendo que um deles é responsável pela gravação e condução dessa, tendo o(s) entrevistado(s) o papel de responder a perguntas previamente elaboradas. Além disso, o gênero entrevista em situação de pesquisa acadêmica apresenta-se como um gênero discursivo que possibilita vários tipos de análises, dada a riqueza do material coletado.

Na próxima sessão, ilustraremos, por meio de alguns recortes de entrevistas, mais algumas características do gênero em questão.

Uma ilustração do gênero entrevista do *corpus* do PROFALA

O texto do gênero entrevista em situação de pesquisa acadêmica que constitui o *corpus* do PROFALA aproxima-se de uma conversação relativamente espontânea, na qual o entrevistado pode conduzir suas respostas da maneira que acreditar ser a mais adequada visando à preservação da face⁵⁵. Essas entrevistas aproximam-se de diálogos entre informante e documentador (DID⁵⁶). Em um nível intermediário de formalidade, o documentador dialoga com o informante sobre temas pré-determinados nos questionários aplicados, mas a entrevista é um tanto informal, havendo o envolvimento de ambas as partes. Vale lembrar que as condições de participação nesse tipo de entrevista não são as mesmas para todos os participantes. O documentador cumpre a função de entrevistador conduzindo o diálogo, cabendo a ele fazer as perguntas e passar o turno ao informante ou entrevistado que tem a tarefa de respondê-las, como podemos observar no exemplo (04).

(04)

(15M+CV⁵⁷): Tema: Ambientando o informante.

Doc.: atençã:::o ((bem baixinho)) nós vamos começar a entrevista com a I. ela é de Cabo Ver::de e:: nós estamos aqui: no:: PPGL' na sala de:: descrição linGUIStica/ e hoje é vinte e três de março de dois mil e doze as nove e vinte e cinco' pois i.' nós vamos né como eu lhe disse fazer as perguntas e você respo::nde aquilo que você souber

Inf.: tá certo ((bem baixinho))

Doc.: se você não souber não se aflija ((riso breve))

Inf.: ((riso breve))

Doc.: entenDEu''/ a gente passa adiante' não se aflija é só o quê você souber

Inf.: (incompreensível)

Doc.: entã::o/ qual é o ti::po de moradia mais comum aqui da região''

Inf.: acho que é apartamento

⁵⁵ Goffman (1967, p. 77) define *face* como “o valor social positivo que uma pessoa reclama para si através daquilo que os outros presumem ser o alinhamento por ela adotado durante um contato específico... uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados”.

⁵⁶ O projeto NURC surgiu na década de 1970 e é considerado o pioneiro no âmbito da constituição de *corpora* do português oral brasileiro. Constituído exclusivamente por informantes com Nível Superior completo, de cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife, Salvador e São Paulo), organizado segundo três critérios: tipo de registro, faixa etária e gênero, constitui modelo para diversos projetos brasileiros.

⁵⁷ Codificação proposta para o nosso *corpus*: os dois primeiros números correspondem ao número da entrevista de onde foi retirado o exemplo, a letra que vem em seguida indica o sexo do informante (M= Mulher e H= Homem); o símbolo + ou – que segue a letra mencionada indica se o informante tem = de seis meses no Brasil ou menos de seis meses e as letras que seguem esses símbolos são referentes ao país de origem do informante (A = Angola, CB = Cabo Verde, GB = Guiné-Bissau, M= Moçambique, ST = São Tomé e Príncipe e TL = Timor-Leste).

No exemplo (04), podemos observar como o entrevistador (Doc.) conduz a entrevista, ele dá início à entrevista chamando a atenção do entrevistado e avisando que está iniciando a gravação [*atençã::o ((bem baixinho)) nós vamos começar a entrevista*]. Em seguida, fala o nome do entrevistado (Inf) [*I.*], o local onde ela está sendo realizada, a data e a hora de início da entrevista [*nós estamos aqui: no::: PPGL' na sala de::: descrição linGUIStica/ e hoje é vinte e três de março de dois mil e doze as nove e vinte e cinco*']. Esse é um procedimento padrão nas entrevistas do gênero. O entrevistador também, logo no início, esclarece como a entrevista deve ocorrer [*como eu lhe disse fazer as perguntas e você respo::nde aquilo que você souber*] e tenta deixar o entrevistado mais à vontade possível [*se você não souber não se aflija ((riso breve))*]. Posteriormente, o entrevistador faz a primeira pergunta ao informante [*entã::o/ qual é o ti::po de moradia mais comum aqui da região*']. Esse gênero discursivo aproxima-se do tipo de diálogo que Marcuschi (1998, p. 16) denomina de *assimétrico*, no qual um dos participantes tem o poder de dar início, conduzir, orientar e finalizar a interação, exercendo certa “pressão sobre o(s) outro(s) participante(s)”.

Algumas vezes, esses papéis podem inverter-se, levando o documentador a responder perguntas do informante, principalmente quando a pergunta feita não é compreendida. Além disso, nas entrevistas, é o entrevistado que, normalmente, detém maior posse do turno conversacional, já que é a fala dele que constitui o objetivo da situação comunicativa do gênero discursivo em questão. Desse modo, o entrevistador esforça-se para que o entrevistado responda as perguntas o mais claramente possível, até mesmo pelo fato de a entrevista estar sendo gravada e de haver uma preocupação com possíveis falhas quando ela tiver de ser reproduzida pelo próprio entrevistador ou por outra pessoa que não estava presente na interação, como se constata no exemplo (05).

(05)

(25H+A): Tema: Evitando constrangimentos.

Doc.: agora conta pra gente um acontecimento que foi marcante na sua vida:: que você nunca esquece :: uma alegre tá num vai nada contar um triste pra não deixar a gente triste um acontecimento bacana assim:: que você lembra que aconteceu na sua vida e que até hoje você nunca mais esqueceu::

Inf.: (+) mas é triste mas vou ter que falar::”

Doc.: não:: se você não se incomodar:: de falar pode falar”

Inf.: não não:: (eu falo normalmente)
Doc.: (então tudo bem::) pode contar

Inf.: é:: o que aconteceu comi::go:: que eu nunca vou esquecer:: que eu sempre tenho dito as pessoas:: principalmente aqueles que tem conversado comigo:: foi:: no ato em que eu estava a fazer:: sexta classe aqui se chama sexta série então:: eu fui ver a pauta e fui:: aprovei para sétima série e:: nesse dia é:: os os que foram pra sétima série tinham que se matricular numa outra escola (+) numa outra escola porque:: o diretor num tava fazendo transferência da outra escola pra outra normalmente eu:: fazia essa transferência dava a turma uma guia você leva uma guia e se matriculava só que eu:: não tava:: naquele momento eu tava e aconteceu isso então:: nós pegamos os certificados da sexta série pra sétima série que não podia se matricular então cheguei em casa amostrei ao:: meu pai:: (+) pai:: tá aqui o certificado:: aprovei pra sétima série mas num vou ser transferido pra outra escola:: pra poder continuar porque temos:: tem que se pagar pra poder fazer:: matrícula numa outra escola (+) e o caso era assim:: difícil:: né” porque:: minha mãe se encontrava doente minha mãe ::

Se observarmos o trecho da entrevista do exemplo (05), considerando a análise sequencial da entrevista, a “organização da sequência em torno de um tema dominante” (BARDIN, 2011, p.101), vemos que a primeira sequência do entrevistador introduz a temática a ser desenvolvida pelo entrevistado [*agora conta pra gente um acontecimento que foi marcante na sua vida::*]. Em seguida, o entrevistado/informante de Angola hesita quando o documentador lhe pede para narrar um acontecimento marcante na sua vida. [*mas é triste mas vou ter que falar::*”]. Então, o documentador, na tentativa de evitar uma situação desagradável e de dar continuidade à entrevista, afirma [*não:: se você não se incomodar:: de falar pode falar*”]. Após isso, o informante dá início à sequência 2, que trata do acontecimento que lhe causou tristeza, narrando o fato de não poder ser transferido para a sétima série, porque era necessário pagar e sua família não tinha dinheiro, pois a sua mãe estava doente. No gênero entrevista com fins específicos de registro da fala dos informantes, como as que constituem o *corpus* do PROFALA, há uma expectativa positiva em relação às respostas a serem dadas pelos entrevistados e evita-se estabelecer qualquer tipo de situação constrangimento.

Em termos de composição textual (MARCUSCHI, 1999) ou sequência textual (ADAM, 1992), como pudemos observar nos exemplos anteriores, as entrevistas em situação de pesquisa

acadêmica analisadas são compostas principalmente por sequências dialogais (exemplo 04), sendo que, em algumas partes específicas, predominam outras sequências. Há questões em que se pede ao entrevistado que narre um fato ocorrido com ele e com outra pessoa, predominando a sequência narrativa, como no exemplo (05).

Com relação aos assuntos abordados nas entrevistas em situação de pesquisa acadêmica do *corpus* em análise, há uma multiplicidade de temas em todos os questionários e em todas as questões que são aplicadas nas entrevistas, como família, crenças, costumes, vestuário, jogos etc., que vai desde questões que devem ser respondidas da forma mais objetiva, com uma só palavra como, por exemplo, no QFF, em (01), até questões subjetivas que expressam emoções, valores e afetividade dos informantes, como nos *temas para discurso semidirigidos*, conforme podemos verificar nos exemplos (06) e (07), respectivamente.

(06)

(88M+TL): Tema: Pergunta objetiva.

Doc.1: ((risos)) isso mesmo “qual é o aparelho / nome daquele aparelho que a gente usa pra vê novela”

Inf.: (+) TV”

Doc.: 1: hurum “ tv ou então” (+) a gente chama de tv ou de”

Inf.: cd não

Doc. 1: não não a gente chama de TV OU DE” “como é o nome também/

Inf.: / televisão

Doc. 1: pro::nto “

(07)

(121H+M): Tema: Pergunta subjetiva.

Doc.: qual foi a importância da sua língua materna no seu processo de alfabetização::

Inf.: eu não posso falar sobre isso porque eu:: automaticamente eu não falo aquela língua quer dizer gostaria de falar:: eu só ao menos só percebo porque sou:: do (sul) e minha mãe é do norte:: minha mãe e meu pai são no norte e eu sou do sul:: então eles falam aquela língua eu entendo algumas palavras:: porque vou pra lá as vezes mas também entendo algumas palavras do sul:: da cidade onde eu vivo então eu não posso falar assim automaticamente:: o quê eu essa linguagem fez teve influência no aprendizado sabe”

Podemos observar, no exemplo (06), que o entrevistador busca registrar a pronúncia de uma determinada palavra (televisão) pelo entrevistado. Isso porque o que se espera é o registro de determinadas formas de pronunciar fonemas específicos com o objetivo de verificar variações fonético-fonológicas características da pronúncia do português de falantes de uma comunidade de fala. Assim, a resposta dada deve ser bem objetiva, pois o que interessa, nesse

caso, é o registro da pronúncia da vogal “e” no início e meio da palavra *televisão*. Já no exemplo (07), vemos um envolvimento afetivo do entrevistado com aquilo que ele diz [*eu não falo aquela língua quer dizer gostaria de falar::*]. Identificamos também, nesse exemplo, uma apropriação da fala pelo informante, que prefere utilizar o pronome pessoal de primeira pessoa “eu” [*eu não posso falar sobre isso porque eu::*], assumindo que não pode falar sobre a importância de sua língua materna no processo de alfabetização, já que não fala a língua dos pais.

Nas entrevistas em situação de pesquisa acadêmica que constituem o *corpus* em análise, verificamos que o contrário do exemplo anterior também ocorre, mesmo sendo uma pergunta direcionada ao informante, ele prefere posicionar-se à distância e generalizar sua resposta com o uso de pronomes de primeira pessoa do plural (nós/ nossa), como no exemplo (08), a seguir.

(08)

(60M-ST): Tema: Generalização do eu.

Doc.: quais as situações que você usa o português quando você usa

Inf.: pra falar tem::

Doc.: no dia a dia lá mesmo

Inf.: lá em São Tomé nós encontramos (+) os jovens usam mais o português do que o próprio crioulo porque assim:: as crianças na escola falam/

Doc.: crioulo

Inf.: português::no trabalho fala assim (+) nosso crioulo só se fala em família pessoas que sabem

Como podemos observar, no exemplo (08), a informante de São Tomé prefere responder à pergunta sobre as situações em que ela usa o português generalizando sua fala com uso da primeira pessoa do plural “nós” [*lá em São Tomé nós encontramos (+) os jovens usam mais o português do que o próprio crioulo porque assim:: as crianças na escola falam/*], ao contrário do que ocorre no exemplo (04). Também vemos que ela utiliza o pronome “nosso” para falar de sua língua materna e não “meu” [*nosso crioulo só se fala em família*]. Dessa forma, ela consegue partilhar a responsabilidade da sua fala e assume que faz parte de um “nós” que identifica um coletivo, sua comunidade de fala, o seu país.

Em termos de reflexo do processamento da fala dos informantes, observamos, nas entrevistas em situação de pesquisa acadêmica analisadas, que alguns elementos como pausas, prolongamentos, repetições e truncamentos, típicos da fala espontânea por refletir o processo de construção do enunciado, evidenciam também uma busca pela melhor forma de expressar o seu pensamento e assim atingir os objetivos comunicativos. Vejamos o exemplo (09).

(09)

(39M-TL): Tema: Monitoramento da fala.

Doc.: me diga uma coisa, quais as línguas que você fala”

Inf.: línguas (++)

Doc.: sim quais as línguas que você fala”

Inf.: nossas línguas que nós falamos é a língua dialeto

Doc.: hunrrum

Inf.: é nor/ normalmente nos falamos língua:::n diale/ dialeto e língua oficial é tetum e só tetum é português não não usamos

No exemplo (09), vemos que a informante do Timor-Leste não compreende muito bem a pergunta feita pelo documentador e marca isso com a repetição do termo “línguas”, seguido de uma pausa prolongada, representada aqui por (++) . Isso faz com que o documentador tenha de repetir a pergunta. Em outro trecho, vemos truncamentos (/) e prolongamentos (:::) na fala da informante marcando sua tentativa de deixar claro que a língua que se fala em seu país é o dialeto Tetum [*falamos língua:::n diale/ dialeto e língua oficial é tetum e só tetum*]. Em seguida, vemos uma dupla negação, a repetição do advérbio “não”, para reafirmar que a língua portuguesa não é usada [*português não não usamos*].

Dessa forma, podemos perceber que as entrevistas em situação de pesquisa acadêmica se assemelham ao gênero entrevista jornalística, em que há a troca de turnos organizada de acordo com o modo como o entrevistador dá continuidade às perguntas. Outro ponto em que ambos os tipos de entrevista se assemelham é no papel desempenhado pelo entrevistador. Esse tem, além do poder de conduzir a entrevista, o papel de fazer com que o entrevistado fale de forma que possa haver um registro dessa fala, de forma clara e pausada, com altura de voz suficiente etc. Portanto, cabe ao entrevistador deixar o entrevistado confortável para responder às questões, facilitando a preservação das faces dos envolvidos na situação de comunicação, pois, como sabemos, em ambos os tipos de entrevista, as respostas do entrevistador são o foco. Elas se distanciam pelos objetivos comunicativos, posto que, na entrevista em situação de pesquisa acadêmica, busca-se, principalmente, o resgistro do modo de falar de indivíduos de comunidades discursivas específicas, já as entrevistas jornalísticas pretendem ter respostas que estejam relacionadas a questões de natureza mais subjetiva, a interesses de certos grupos dentro de uma sociedade, por exemplo.

Conclusões

Conforme afirma Bardin (2011), o esqueleto da entrevista é dado pela composição estrutural e semântica desse gênero textual, em que há uma complexidade de questões que envolvem conflito, ambivalência, progresso, superação e narração. Muitas vezes, o informante não está consciente dessa complexidade. Como pudemos constatar, as entrevistas do *corpus* do grupo PROFALA representam bem essa complexidade. Mesmo tendo as perguntas planejadas de antemão, isso não garante como ocorrerá a situação de interação com o informante, muito menos se os propósitos comunicativos serão alcançados, posto que o texto vai sendo co-construído pelos participantes no momento da interação (ROCHA; DAHER; SANT'ANNA, 2004).

A todo momento, nas entrevistas, vemos o documentador, que é responsável por conduzir o diálogo, tentando fugir dos constrangimentos, usando de reformulações, paráfrases, correções etc. para colaborar com o informante e fazer com que ele consiga responder ao que lhe é perguntado da maneira mais clara possível. Em relação ao entrevistado, podemos perceber que ele age de forma colaborativa e tenta cumprir seu papel de responder às questões preservando sua face, o que o faz, muitas vezes, distanciar-se de sua fala ou se incluir em um “nós” coletivo representativo de sua comunidade de fala.

Em suma, como pudemos verificar, as entrevistas em situação de pesquisa acadêmica do *corpus* do grupo PROFALA constituem uma ferramenta de análise linguística que possibilita a descrição da língua portuguesa em diferentes perspectivas, aproximando-se de uma conversação espontânea. E, por abordar várias temáticas e ser um gênero textual constituído por múltiplos tipos de sequências, o *corpus* pode ser utilizado para verificar dados que vão desde uma análise fonético-fonológica a uma análise comunicativa da variedade do português falado nos PALOPs e no Timor-Leste.

Referências

ADAM, J. M. **Les texts: types e prototypes**. Paris. Nathan. 1992.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 2000.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 2ª reimp. da 1ª edição de 2011. São Paulo: Edições 70, 2011. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro.

BHATIA, V. K. Análise de gêneros hoje. **Revista de Letras**. n.º 23. Vol. ½. jan./dez. Fortaleza: Edições UFC, 2001. p. 102-115. [Trad. Benedito G. Bezerra, do original Genre analysis today. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**. Bruxelles, 75, p. 629-652. 1997].

KAUFMAN, A. M. e RODRÍGUEZ, M. E. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais**. Recife: UFPE, 1999.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

ROCHA, D.; DAHER, Del C.; SANT'ANNA, V. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. **Polifonia** (UFMT), Mato Grosso, v. 8, 2004. p. 1-19. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/polifonia/article/view/1132>. Acesso em: 05 nov. 2015.